

## A Maré Vive: Da censura à reinvenção do fazer comunicação comunitária favelada

Gizele Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo trazer um pouco da censura sofrida por um grupo de comunicadores comunitários da Maré durante o ano de 2014. Em 2024, completam-se dez anos que o exército se instalou na Maré, onde permaneceram por um ano e cinco meses (2014 a 2015). Naquela época, um grupo de comunicadores e comunicadoras comunitárias criou uma página no Facebook intitulada de Maré Vive. Esta página, em menos de uma semana, teve grande repercussão, chegando a quase um milhão de visualizações. Por causa da grande repercussão, alguns comunicadores sofreram censura, outros foram expulsos da favela, além de terem a página clonada. Durante esses anos, depois de terem sofrido inúmeras perseguições, eles buscaram outras formas de continuarem os seus devidos trabalhos internamente na Maré. Dez anos depois, em meio a um outro momento de grande ataque à democracia e a uma emergência sanitária, os mesmos comunicadores se reinventaram e se desafiaram mais uma vez se colocando na linha de frente e organizaram um grande movimento de combate à *fake news* e de distribuição de alimentos em meio a pandemia da Covid-19. Os dois movimentos (em anos diferentes) mostram que os comunicadores são parte importante de mobilização, denúncia, além de buscarem uma autoproteção comunitária em territórios que sofrem constantes com a militarização e violações de direitos, e independente de marcos históricos.

**Palavras-chave:** Favela da Maré, militarização, comunicação comunitária

### The Maré lives: from censorship to reinvention of the communication labor of favela's community

**Abstract:** This article aims to bring some of the censorship suffered by a group of community communicators from Maré during the year 2014. In 2024, it will be ten years since the army settled in Maré, where they remained for one year and five months (2014 to 2015). At that time, a group of community communicators created a Facebook page called Maré Vive. This page, in less than a week, had a huge impact, reaching almost one million views. Due to the great repercussion, some communicators suffered censorship, others were expelled from the favela, in addition to having their page cloned. During these years, after having suffered countless persecutions, they sought other ways to continue their work internally in Maré. Ten years later, in the midst of another moment of great attack on democracy and a health emergency, the same communicators reinvented themselves and challenged themselves once again by placing themselves on the front line and organized a large movement to combat fake news and food distribution amid the Covid-19 pandemic. The two movements (in different years) show that communicators are an important part of mobilization, denunciation, in addition to seeking community self-protection in territories that constantly suffer from militarization and rights violations, and regardless of historical landmarks.

**Keywords:** Favela da Maré, militarization, community communication

### Introdução

Há dez anos, em 2014, o exército brasileiro se instalou no Conjunto de Favelas da Maré e permaneceu durante um ano e cinco meses, de fevereiro de 2014 a abril de 2015. Nesta época, toda a favela da Maré viveu sob o regime de Garantia da Lei e Ordem (GLO)<sup>2</sup>, lei que havia sido utilizada no período da ditadura militar no Brasil. Neste período que o exército esteve nas 16 favelas que integram a Maré, as

<sup>1</sup> Comunicadora Comunitária, Jornalista (PUC-RIO), Mestra em Periferias Urbanas (UERJ), Doutoranda pela ECO-UFRJ, integra os grupos de pesquisa: Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) e o Dicionário Marielle Franco. É autora do livro: Militarização e Censura: A luta por liberdade de expressão na Favela da Maré. Integra a Coalizão de Mídias Periféricas, Faveladas, Quilombolas e Indígenas. No momento, assina em co-autoria com Juliana Farias e Natasha Neri, o roteiro e argumento do documentário "Cheiro de Diesel".

<sup>2</sup> Entenda o que é a GLO: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/11/entenda-o-que-e-a-glo-garantia-da-lei-e-da-ordem.shtml>

ruas se encheram de tanques de guerra, drones e jipes. Além disso, eram crescentes as violações de direitos humanos cometidos por soldados, como: invasões às casas dos moradores, nas escolas, nos postos de saúde, nas organizações sociais e mídias comunitárias etc. Sem contar as revistas constantes, tiros, proibição das ações culturais de rua e tantas outras violações de direitos que passaram a ser cotidianas neste período.

Uma semana antes do exército se instalar na Maré, os moradores já sabiam que a favela sofreria com inúmeras violações. Pois historicamente, desde o seu surgimento, as favelas carregam as marcas da violação cotidiana e da militarização da vida. Sendo muitas destas violações ocasionadas pelos que governam à nível municipal, estadual e nacional. Para denunciar tais violações, comunicadores comunitários da Maré se organizaram e lançaram uma página no *Facebook* intitulada de *Maré Vive*. A página foi lançada nas vésperas da entrada do exército e em menos de uma semana, ganhou grande repercussão entre os moradores chegando a mais de um milhão de visualizações, jornalistas e autoridades públicas do Rio de Janeiro e de nível nacional e até internacional. Devido à grande repercussão da página e dos conteúdos de denúncias divulgados pelos comunicadores, “os integrantes desta página sofreram repressão, censura e ameaças durante todo o período em que o exército esteve na Maré e até depois da saída das tropas federais”<sup>3</sup>. (MARTINS, 2018)

Em 2024, dez anos depois da sua criação, a página do *Maré Vive* no *Facebook* conta 172 mil seguidores, no *Instagram* tem 77, 2 mil e no *Twitter* 24,5 mil seguidores, ou seja, ela continua sendo um dos principais e mais importantes canais de comunicação de dentro para dentro da Maré,

mas também da Maré para fora da favela. Ou seja, continua sendo uma voz ativa de divulgação e de repúdio às constantes violências policiais e de tantas outras violações de direitos que ocorrem no dia a dia dentro de toda a Maré. Ela é uma página também de divulgação do cotidiano e da cultura mareense<sup>4</sup>.

Utilizando a metodologia autoetnográfica, já que na época fui parte integrante do surgimento do *Maré Vive*, além de eu ser cria da favela da Maré, sou comunicadora no local há mais de 20 anos, além de jornalista e pesquisadora da área, me desafio aqui nesse trabalho a transcrever um pouco de como foi aquele processo de censura aos comunicadores do *Maré Vive* durante os anos de 2014 e 2015. Conto aqui como a página naquela época serviu para ser um dos mais importantes canais de transmissão das violações ocasionadas diariamente pelo exército brasileiro.

Nos parágrafos seguintes, trago também como os mesmos comunicadores comunitários que fizeram nascer o *Maré Vive* dez anos atrás, continuaram sua atuação mesmo com tantas ameaças, tentativa de derrubada de páginas e até uma página intitulada de *Maré não Vive* foi criada por pessoas desconhecidas para expor os comunicadores do *Maré Vive*.

Além disso, falo também como estes mesmos comunicadores passaram a criar alternativas para trabalhar outras emergências internas e de necessidades da favela. Afinal, parte dos comunicadores que criaram o *Maré Vive*, criaram em 2016, o Coletivo Maré 0800<sup>5</sup> e a Frente de Mobilização da Maré<sup>6</sup>, em 2020. São canais de comunicação que têm propostas diferentes, mas com características de atuação que colocam em xeque a constante ausência da garantia de direitos dos governantes

3 Militarização e Censura: A luta por liberdade de expressão na Favela da Maré

4 Uma das nossas principais atuações é no fortalecimento da identidade local. O termo mareense foi inventado pelo jornal na ideia de fazer com que os moradores se afirmassem como parte da favela. Nossas fontes e personagens são, em sua grande maioria, moradores da favela, e nos concentramos em cobrir eventos dentro da Maré ou que envolvem mareenses de destaque: <https://jornalocidadao.net/sobre/>

5 Maré 0800 é um coletivo localizado no [Complexo da Maré](#), Rio de Janeiro, cujo objetivo é arrecadar vestimentas, alimentos e outros produtos para moradores em situação de necessidade, além de possibilitar trocas de experiência entre favela e asfalto: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9\\_0800\\_\(coletivo\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9_0800_(coletivo))

6 A Frente de Mobilização da Maré é um coletivo que tinha como objetivo inicial fomentar ações de comunicação que levassem o máximo de informações sobre sintomas, medidas de prevenção, cuidados acerca COVID-19, saúde, higiene e proteção, para as favelas e periferias de todas

na favela, à nível local e nacional.

Para aprofundar teoricamente o debate sobre comunicação comunitária, trago o conceito de “comunidade gerativa”. O conceito de comunidade gerativa surgiu nos últimos anos no Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC)<sup>7</sup> e alertou-nos para o caráter operativo que o conceito possibilita em oposição a uma ideia de “comunidade negativa”, imaginada por uma linha-gem de autores ao longo da história do conceito de comunidade (Paiva; Malerba; Custódio, 2013) que trabalha a ideia da auto organização comunitária a partir da não garantia de direitos e da busca de resoluções que tem como direção o bem comum que podem ser executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos. Para Paiva, a comunicação comunitária traz a marca do entendimento da comunicação em sua essência transformadora, que para se tornar operativa enseja o entendimento de procedimentos básicos que vão desde a produção das narrativas bem como o acesso aos meios de produção das mensagens. É a esse conjunto operativo metodologicamente determinado que se nomeou por comunidade gerativa. (Paiva; Martins, 2022).

Aciono também teorias desenvolvidas por Peruzzo (1998) ao trabalhar movimentos sociais, comunicação e organização comunitária em iniciativas de intervenção local para redução das desigualdades. O diálogo com essas teorias, por um lado, permite refletir sobre práticas de comunicação que usam linguagens e vocabulários locais (como gírias e palavras de conhecimento popular) e dialogam com os moradores das mais diversas idades e perfis. Por outro lado, permite também pensar sobre uso da comunicação para mobilização comunitária e de repúdio à falta de cidadania e dentro de um contexto de histórica ausência de direitos nas favelas cariocas.

## A criação do Conjunto de Favelas da Maré

Antes de aprofundar sobre a criação da página *Maré Vive* e a censura sofrida pelo grupo que fez surgir o meio comunitário digital, trago na primeira parte do presente artigo uma breve apresentação sobre o que é o Conjunto de Favelas da Maré. Localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro<sup>8</sup>, com aproximadamente 130 mil moradores, de acordo com informações do censo de 2010, espalhados pelas 16 favelas (Censo Maré 2000), o Conjunto inclui: Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Maré, Nova Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Vila do Pinheiro, Vila do João, ‘Salsa e Merengue’, Marcílio Dias, Roquete Pinto, Praia de Ramos, Bento Ribeiro Dantas e Mandacaru<sup>9</sup>.

A Maré surgiu na virada dos anos de 1930 para 1940 e é cortada pelas três principais vias de acesso ao Rio: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela. Os primeiros moradores vieram do nordeste do país para a construção da Avenida Brasil e formaram suas casas na beira da avenida. Aos poucos foram construindo suas palafitas, foram aterrando e fazendo nascer essas 16 favelas que compõem todo o conjunto hoje.

A construção da Avenida Brasil é fundamental, portanto, para compreender a Maré, a maneira que ela evoluiu e a forma que aparece no mapa atualmente. Isso não apenas indica uma das suas fronteiras geográficas, mas mais importante, foi a principal razão para as pessoas se estabelecerem na vizinhança, e forneceu meios para as pessoas conseguirem materiais de construção para construir suas casas. A Avenida Brasil simbolizava trabalho e progresso. Mesmo hoje, a Avenida Brasil conecta muitos trabalhadores e estudantes da Maré aos seus trabalhos e universidades na Zona Sul ou Centro. A via expressa está sempre presente na vida dos mo-

as regiões do Brasil. A Frente Maré continua lutando contra a Covid e a fome. Em dois anos, atenderam mais de 4.500 famílias com cestas básicas, impactando mais de 16 mil pessoas: <https://www.fundacao1bi.com.br/frente-de-mobilizacao-da-mar>

<sup>7</sup> Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

<sup>8</sup> O bairro da Maré<sup>[1]</sup>, criado em 1994, compreende um conjunto de 17 comunidades onde moram cerca de 140 mil pessoas. A região margeia a Baía de Guanabara e está localizada entre importantes vias rodoviárias que cortam a cidade do Rio de Janeiro: Avenida Brasil, Linha Vermelha, Linha Amarela e Transcarioca: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo\\_da\\_Mar%C3%A9](https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo_da_Mar%C3%A9)

<sup>9</sup> Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=23997>

radores das 16 favelas que compõem a Maré e que nasceram em momentos distintos. Cada uma delas carrega culturas e têm perfis, populações e costumes completamente diferentes umas das outras.

A Maré é, atualmente, o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro e foi oficialmente reconhecida como bairro em 1994. Apesar desses 130 mil indivíduos possuírem histórias e perspectivas únicas, o presidente do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré) Lourenço Cesar da Silva afirma: “há algo de universal nessa história que perpassa todas as comunidades da Maré”<sup>10</sup>. Todas essas favelas são marcadas por um forte histórico de organização interna dos próprios moradores: dentro da Maré há pré-vestibulares comunitários, históricas mídias comunitárias, assembleias em praças públicas para a chegada da caixa d’água, iluminação, saneamento básico, dentre diversos outros tipos de organização comunitária para a busca de cidadania local<sup>11</sup>.

Na Maré há uma intensa cultura local. Um exemplo disso é que o primeiro museu comunitário organizado e inaugurado em uma favela no mundo é o Museu da Maré. Ele foi criado pelo CEASM junto com os moradores locais e conta a história cronológica da Maré. Ele nasce fruto de um esforço comunitário, coletivo, assim como o pré-vestibular comunitário (CPV-Maré), também do CEASM – existente há mais de 20 anos na localidade – assim como inúmeras mídias comunitárias – como o Jornal O Cidadão da Maré, a TV Maré e a Rádio Maré.

### **A comunicação comunitária de denúncia: Censura, clonagem e expulsão dos comunicadores**

A página de Facebook *Maré Vive* nasceu em 2014 e logo se tornou conhecida por relatar

cotidianamente casos de violações de direitos ocasionados pelo exército brasileiro. A página foi lançada para ser um canal de denúncia dos moradores durante a invasão do exército na Maré. Junto à página, em abril de 2014, dia da invasão do exército e das Forças Nacionais e do Choque, uma rádio livre foi colocada no ar pelos mesmos comunicadores comunitários que organizaram a página. A rádio livre só funcionou por um único dia.

Naquela época em que a plataforma de rede social *Facebook* estava em alta, lembro que houve uma “febre” de novas páginas semelhantes surgindo em diferentes outras favelas depois da criação do *Maré Vive*, assim como o Coletivo Papo Reto na Favela do Alemão, o Fala Akari da Favela de Acari, dentre outras, todas elas localizadas na Zona Norte do Rio de Janeiro. Muitas destas páginas nasciam para produção e veiculação de conteúdos no mesmo tom de denúncia de violações de direitos humanos, pois os diferentes comunicadores comunitários favelados entenderam que essas páginas poderiam funcionar como uma forma de divulgação rápida de conteúdo e que conseguissem atingir públicos de dentro e fora da favela com agilidade. Lembrando ainda que era época de instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em aproximadamente 50 favelas cariocas. Ou seja, era época de grandes mexidas nas favelas cariocas, algumas com polícias, outras com exércitos e essas páginas se tornaram grandes ferramentas de denúncias naquele momento.

No mesmo dia em que o *Maré Vive* foi ao ar, no dia 05 de abril de 2014, um blog intitulado de *Maré Vive*<sup>12</sup> foi lançado, mas apenas um texto foi publicado nele, é o manifesto feito por moradores locais denunciando os nomes dos partidos e autoridades públicas envolvidas na instalação da GLO na Maré. Segue trecho do manifesto:

“Estamos muito preocupados com a nossa vida e com

10 Disponível em <https://rioonwatch.org.br/?p=23997>

11 Favela da Maré: a comunicação comunitária como geradora de mudança social: [https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler\\_artigo/243-1-favela-da-mare-a-comunicacao-comunitaria-como-geradora-de-mudanca-social](https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler_artigo/243-1-favela-da-mare-a-comunicacao-comunitaria-como-geradora-de-mudanca-social)

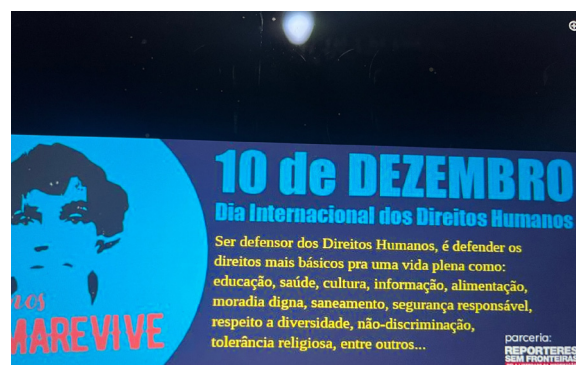
12 Manifesto: Manifesto contra a invasão militar nas favelas da Maré: Expressamos publicamente o nosso total repúdio à “ocupação” militar nas favelas da Maré. <https://marevive.wordpress.com/>

a vida de todas e todos que moram no Conjunto de Favelas da Maré. Nos preocupamos também com todos os outros favelados e faveladas que sofrem com a crescente onda de militarização e ataque direto de um Estado cada vez mais armado para agir contra estes que desde sempre tem que lutar para garantir o seu lugar na cidade. É visível que quem usa tanques de guerra contra a sua própria população não busca diálogo, ainda menos participação e tampouco está preocupado com os nossos direitos. O tanque apontado para nós é uma violação mais do que somente de direitos, é uma violação a qualquer ideia de Estado democrático de direito. A ocupação militar nem começou e o projeto já faliu pelo que é: mais um ataque brutal militar contra territórios populares urbanos”.<sup>13</sup>

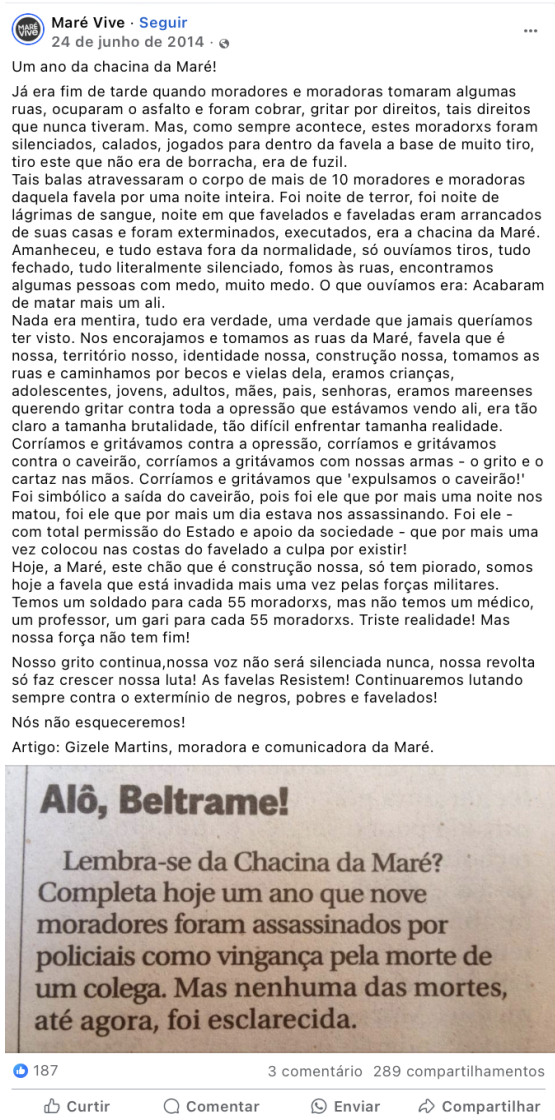
Para além de noticiar o dia a dia no *Facebook*, eram publicados textos reflexivos sobre a situação de empobrecimento da favela, questionamentos sobre as desigualdades da cidade, sobre a falta de políticas públicas e o aumento de policiais na favela. A página trazia para a memória dos moradores, acontecimentos cotidianos, além de trazer memórias sobre períodos marcantes, assim como a chacina da Maré que ocorreu em 24 junho de 2013. Neste dia, ao todo 13 pessoas foram assassinadas a facadas e tiros. Na ocasião, os moradores locais ocuparam as ruas da favela e expulsaram o caveirão que circulava pelas ruas de toda a favela da Maré, como mostra o print abaixo:



]



13 Manifesto Maré Vive: <https://marevive.wordpress.com/>



Lembro do primeiro dia da invasão do exército na Maré, nos dividimos dentro da favela para cobrir as violações e noticiamos ao vivo na página e na rádio *online*: as invasões nas casas; as crianças presas; os tiroteios; os assassinatos; a chegada dos tanques de guerra; os policiais civis nos filmando, dentre diversos outros tipos de violações de direitos que ocorreram naquele dia. Cada um destes conteúdos avaliávamos e organizávamos as publicações.

Naldinho Lourenço (2018), comunicador comunitário, fotógrafo e morador da Maré e um dos integrantes do Maré Vive, disse que a repercussão e o tom de denúncia deste canal de comunicação fez surgir as ameaças constantes: “A pági-

na hoje tem grande alcance na favela, são mais de 100 mil pessoas que a seguem. Ela é administrada por um pequeno grupo de moradores. Então, assim, a gente começou a fazer, a causar efeito até em alguns departamentos do Estado, o que causou ameaças a gente”<sup>14</sup>. Com o passar do tempo, os próprios moradores que não eram comunicadores, passaram a enviar fotos, vídeos, matérias, artigos, pedir ajuda e pedir contatos de organizações de direitos humanos, além de muitos pedidos de jornalistas de fora querendo entrevistar moradores para mostrar o que estava ocorrendo internamente na favela por causa da presença das forças armadas.

Mas quase um ano depois do funcionamento da página Maré Vive, ela foi clonada<sup>13</sup>. De acordo com um dos integrantes, este momento de ameaças foi um dos mais críticos vivido pelo grupo:

“Membros do movimento até receberam ameaças de morte por parte da polícia em seus estágios iniciais. O momento mais crítico na curta história do Maré Vive foi quando a sua página no Facebook foi clonada por pessoas que claramente tinham uma intenção. A página falsa começou a postar fotos de traficantes de drogas para criar confusão em torno da identidade e propósito real do Maré Vive: Começou a criar-se uma confusão. A gente tentava entrar na nossa página e caía na deles, e realmente era parecida, era um clone. A partir daí parte dos moradores ficaram contra a gente. Isso nos prejudicou muito”.<sup>15</sup>

Moradores que, na época, apoiavam o Maré Vive passaram a dizer que não confiavam mais. Organizações sociais internas da Maré enviavam mensagem dizendo que estávamos fazendo um desserviço para a comunidade. O grupo caiu no descrédito, sem força e apoio comunitário depois da clonagem da página, só foi possível retomar o trabalho depois que organizações de direitos humanos e que lutam pela liberdade de expressão nacionais e internacionais, assim como Witness, Artigo 19, Instituto Vladimir Herzog, Repórteres sem Fronteiras e Front Line Defenders, apoiaram e fizeram postagens públicas a favor do trabalho dos comunicadores comunitários do Maré Vive. Alguns comunicadores, inclusive, tiveram que

14 MARTINS, Gizele. Militarização e Censura: A luta por liberdade de expressão na favela da Maré. Editora NPC, 2018.

15 Ciclos Virtuosos de Desenvolvimento: Maré Fala por Si Mesma (Maré Vive): <https://rioonwatch.org.br/?p=23822>

deixar sua casa, outros tiveram que deixar de fazer comunicação comunitária por um determinado tempo dentro da Maré.

Dez anos depois, o número de integrantes da página Maré Vive diminuiu justamente por causa dos riscos recorrentes que os comunicadores comunitários ainda sofrem por pertencerem à página, mas fato é que o trabalho diário não diminuiu, pois a Maré é e continua sendo uma das favelas mais militarizadas e que tem operações policiais quase duas ou três vezes por semana. Só em 2023 foram contabilizadas 32 operações<sup>16</sup>. Todos estes dias os comunicadores do Maré Vive ficam sob alerta informando toda a comunidade sobre as causas e os efeitos físicos e psicológicos da operação. Além da notícia instantânea sobre as operações, estes mesmos comunicadores enviam relatos para autoridades governamentais pedindo respostas em relação às violações ocorridas dentro da comunidade.

### **Do Maré Vive à Frente de Mobilização da Maré: Resistência e reinvenção do fazer comunicação comunitária favelada na Maré**

Passados dez anos, a comunicação comunitária da Maré continuou em constante mudança. Cicilia Peruzzo (1998) explica que a comunicação comunitária tem como histórico a defesa de uma identidade local, além de mobilização de um determinado grupo. Ela ainda afirma que a comunicação é e deve ser sim um direito humano, que cada vez mais deve ser feita para defesa e garantia de seus direitos, sendo assim, um agente de construção e de mobilização social.

A declaração universal de direitos humanos estabelece, em seus artigos 27 e 29, que todos os homens têm o direito de participar livremente da vida da comunidade e que, por outro lado, têm deveres para com esta mesma comunidade, na qual é possível o livre e pleno

desenvolvimento de sua personalidade. E, em 1976, a conferência das nações unidas deixou firmado que a participação popular é um direito humano, um dever político e um instrumento essencial da construção nacional. (PERUZZO, 1998, p. 275)

Ainda de acordo com Peruzzo (1998), a mudança social não está mais fundamentada em um indivíduo apenas, ou em um determinado grupo, pelo contrário, é necessário que todos e de igual modo levantam suas bandeiras sociais, suas identidades, seus costumes, seus direitos e se respeitam. Concordando, Paiva (2013) mostra que na comunicação comunitária “entende-se a vinculação entre sujeitos cujo propósito maior é efetivamente seu florescimento organizativo em harmonia com o contexto histórico e social de seu tempo”<sup>17</sup>.

“Assim, propôs-se que, apesar de a forma social estar marcada pela violência ou repressão, os grupos minoritários e opositores podem optar por ações sociopolíticas inclusivas que priorizem a coexistência harmônica entre cidadãos. Isto porque, apesar do reconhecimento da existência de vários esquemas minoritários vigorando na nova ordem mundial que podem intervir e realizar mudanças radicais na ordem hegemônica, é necessária a ação de estruturas mais sólidas que as atuais ações midiáticas de “minorias flutuantes”.

Diante disso, é possível afirmar que, na Maré, existe uma prática de comunicação comunitária comprometida com a mobilização, a valorização da identidade local e a defesa dos direitos humanos, todos eles carregam em suas práticas características contra hegemônicas, pois trazem em suas linhas editoriais linguagem acessível a todos os públicos, respeitam a diferenças culturais e seus conteúdos são contra a velha ordem militarizada e que criminaliza cotidianamente a favela.

Seja na realização do Maré Vive (2014), do Maré 0800 (2016) ou da Frente de Mobilização da Maré (2020), todos eles carregam em suas linhas editoriais a busca pela denúncia de uma política que só enxerga a favela na lógica policiaisca, que não garante alimento, acesso a direitos básicos, leitura, educação, cultura, vacina, mas que gasta

<sup>16</sup> Ciclos Virtuosos de Desenvolvimento: Maré Fala por Si Mesma (Maré Vive): <https://rioonwatch.org.br/?p=23822>

<sup>17</sup> Comunidade gerativa: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/12423>

orçamento público em militarização, assim como foi em 2014 durante a Copa do Mundo, em 2016 durante as Olimpíadas e em 2020 durante a pandemia da Covid-19.

Durante a pandemia da Covid-19, parte destes mesmos comunicadores que atuaram ou ainda atuam no Maré Vive, lançaram em 2020, a Frente de Mobilização da Maré<sup>18</sup>. Outro canal comunitário que de forma estratégica denunciou as *fake news* e alimentou a favela que mais uma vez foi abandonada pelos poderes públicos em meio a uma crise sanitária mundial.

A Frente de Mobilização da Maré é um coletivo que nasceu com o objetivo inicial de fomentar ações de comunicação que levassem o máximo de informações sobre sintomas, medidas de prevenção e cuidados acerca da COVID-19. Foram feitas campanhas de comunicação dentro da Maré para alertar os moradores sobre a chegada do coronavírus. Em 2020 e 2021, a Frente de Mobilização da Maré atendeu cerca de 4.500 famílias com cestas básicas, impactando mais de 16 mil pessoas por mês. Em 2021, foi construída uma Cozinha Solidária dentro da favela da Maré em parceria com a Fiocruz para atender as pessoas que estavam passando necessidades alimentares.

Quatro anos depois, hoje em 2024, a Frente Maré continua na linha de frente lutando contra a fome e, atualmente, é através da Cozinha Solidária da Frente Maré que cerca de 400 pessoas por dia são atendidas. Ou seja, a comunicação comunitária mareense, desde o Maré Vive à Frente de Mobilização da Maré, é um importante canal que, a partir do pertencimento local, comunica, mas também mobiliza a favela para ser parte da sua auto organização<sup>19</sup>. Algo estratégico que o grupo de comunicadores da Frente Maré faz, é usar a cozinha como estratégia de comunicação e de divul-

gação sobre direitos humanos, cidadania, além de valores que dialoguem sobre o cotidiano da favela, assim como pautas lgbtqi+, racismo, xenofobia e outras temáticas.

As duas iniciativas têm como base a ideia da comunicação para exercer a cidadania mesmo tendo formatos, linguagens e temáticas editoriais completamente diferentes umas das outras. As duas iniciativas também, de alguma forma, carregam em suas postagens e ações grande crítica aos que governam, à constante militarização, ao empobrecimento da favela e ao abandono social. Ainda de acordo com Paiva (2013), estes dois grupos, formado por comunicadores comunitários locais e que mobilizam a comunidade local para algum fim comum entre os pares da mesma favela, pode ser caracterizado também como uma comunidade gerativa:

“Comunidade gerativa” designa o conjunto de ações (norteadas pelo propósito do bem comum) que podem ser executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos. A proposição parte da evidência de que o horizonte que caracteriza a sociedade contemporânea—a falência da “política de projetos”, a forte tônica individualista e cosmopolita, além da excessiva presença da violência nas relações sociais—acaba por impulsionar a busca de alternativas.

Analiso que os dois espaços - apesar de terem objetivos distintos - são coletivos que utilizam a identidade local para mobilizar, mas também para denunciar as violações ocasionadas pelo próprio Estado brasileiro que afirma ser democrático para todos e todas, mas é perceptível que há diferença de tratamento e de distribuição e garantia das políticas públicas quando se fala de uma maioria negra e pobre, moradora de favelas e periferias, assim como é o caso do Conjunto de Favelas da Maré. Por isso, é fundamental que se tenha cada vez mais pessoas comprometidas com a causa da comunicação comunitária que defenda a memória e identida-

18 A Frente Maré continua lutando contra a Covid e a fome. Em dois anos, atenderam mais de 4.500 famílias com cestas básicas, impactando mais de 16 mil pessoas. Em 2021, construíram uma Cozinha Solidária dentro da [favela da Maré](#), em parceria com a Fiocruz. Hoje, só com a Cozinha Solidária da Frente, continuam atendendo cerca de 200 pessoas por semana: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Frente\\_de\\_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o\\_Mar%C3%A9](https://wikifavelas.com.br/index.php/Frente_de_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_Mar%C3%A9)

19 Pensa-se numa estrutura social capaz de abarcar a multiplicidade e a convivialidade que nos fazem repensar cidadania não como um status adquirido com a maioria, mas como processo de engajamento em questões e disputas sociais a partir da interação com outros indivíduos: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/12423/pdf>



de local, porque é a partir destes fatores, valores e identidades que se mobiliza a favela para a própria defesa da vida e dos direitos humanos e de forma coletiva, comunitária e que marca parte da história de resistência popular.

## Bibliografia

MARTINS, Gizele. Militarização e Censura: A luta por liberdade de expressão na favela da Maré. Editora NPC, 2018.

PAIVA, Raquel; MALERBA, Joao Paulo; CUSTODIO, Leonardo. Comunidade gerativa e Comunidade de afeito: propostas conceituais para estudos comparativos de comunicação comunitária: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/12423/pdf>

PAIVA, Raquel; MARTINS, Gizele. Favela da Maré: a comunicação comunitária como geradora de mudança social: [https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler\\_artigo/243-1-favela-da-mare-a-comunicacao-comunitaria-como-geradora-de-mudanca-social](https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler_artigo/243-1-favela-da-mare-a-comunicacao-comunitaria-como-geradora-de-mudanca-social)

PAIVA, Raquel; MARTINS, Gizele. FRENTE MARÉ: A Força dos Novos Coletivos no Contexto da Sociedade Incivil e da Covid-19: [https://www.researchgate.net/publication/371317755\\_FRENTE\\_MARE\\_A\\_Forca\\_dos\\_Novos\\_Coletivos\\_no\\_Contexto\\_da\\_Sociedade\\_Incivil\\_e\\_da\\_Covid-19](https://www.researchgate.net/publication/371317755_FRENTE_MARE_A_Forca_dos_Novos_Coletivos_no_Contexto_da_Sociedade_Incivil_e_da_Covid-19)

PERUZZO, Cicilia. Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais. Editora Sulina, 2022.

Frente de Mobilização Maré: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Frente\\_de\\_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o\\_Mar%C3%A9](https://wikifavelas.com.br/index.php/Frente_de_Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_Mar%C3%A9)

Maré Vive: <https://www.voz-dascomunidades.com.br/tag/mare-vive/>

Maré Vive: <https://wiki->

[favelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9\\_Vive](https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9_Vive)

Maré 0800: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9\\_0800\\_\(coletivo\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/Mar%C3%A9_0800_(coletivo))

Maré Vive: <https://marevive.wordpress.com/>